

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ – CCCO
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS –
HISTÓRIA.

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO DO NASCIMENTO DE ARAÚJO

MULHER E TRABALHO:
PROTAGONISMOS E AUTONOMIA DAS TRABALHADORAS DA REGIÃO DA
TRIZIDELA, CODÓ-MA

CODÓ - MA

2025

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO DO NASCIMENTO DE ARAÚJO

**MULHER E TRABALHO:
PROTAGONISMOS E AUTONOMIA DAS TRABALHADORAS DA REGIÃO DA
TRIZIDELA, CODÓ - MA**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas com habilitação em História, no Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jascira da Silva Lima

**CODÓ - MA
2025**

Araújo, Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento
de .

Mulher e Trabalho : protagonismos e autonomia das
trabalhadoras da região da trizidela, Codó, MA / Maria do
Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo. - 2025.
42 p.

Orientador(a): Prof^a D.r^a Jascira da Silva Lima.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2025.

1. Mulheres. 2. Trabalho. 3. Protagonismos. 4.
Trizidela. I. Silva Lima, Prof^a D.r^a Jascira da. II.
Título.

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO DO NASCIMENTO DE ARAÚJO

**MULHER E TRABALHO:
PROTAGONISMOS E AUTONOMIA DAS TRABALHADORAS DA REGIÃO DA
TRIZIDELA, CODÓ - MA**

Monografia apresentada para obtenção do título de graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas com habilitação em História, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jascira da Silva Lima

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jascira da Silva Lima (Orientadora)

(Professora do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - Sociologia, do Centro de Ciência de Codó - UFMA).

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva (Examinador interno)

(Professor do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - História do Centro de Ciência de Codó - UFMA).

Isabel Conceição Barros Von Mühlénen (Examinadora externa)

(Doutoranda no Centro de História Internacional e Estudos Políticos da Globalização – Universidade de Lausanne – UNIL)

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada a minha orientadora, Doutora Jascira da Silva Lima, pelo tempo dedicado, paciência, contribuição, disponibilidade e amizade.

A Deus que me deu coragem para vencer os meus medos. A Ele toda honra e toda glória!

Aos meus amados pais Raimundo Magalhães de Araújo e Maria Rodrigues do Nascimento de Araújo, meus irmãos, obrigada pelo apoio.

A amiga Maria da Conceição Cruz que me apoiou e me encorajou ao longo do curso, que é exemplo de força e determinação.

À Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, o qual pude ter a honra de aprender com professores entusiasmados em formar profissionais autênticos.

Agradeço pela experiência promovida pelo programa de Residência Pedagógica, na pessoa do docente orientador o professor doutor Jonas Rodrigues de Moraes e a todos os professores da Universidade Federal do Maranhão do Centro de Ciências de Codó, no qual fui privilegiada de poder receber aprendizado, agradeço a cada um deles, especialmente a Doutora Jascira da Silva Lima a qual acreditou que seria viável a reflexão deste tema, os quais faço reverência a cada um deles, jamais os esquecerei.

Agradeço as mulheres trabalhadoras da Região da Trizidela que contribuíram na construção deste estudo.

Agradeço aos professores/as da banca examinadora Doutor José Carlos Aragão Silva e a doutoranda Isabel C. Barros, muito obrigada.

“A primeira história que gostaria de contar é a história das mulheres. Hoje em dia ela soa evidente. Uma história sem as mulheres parece impossível”

Michelle Perrot (2007)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender os protagonismos e autonomia das mulheres trabalhadoras da região da Trizidela, na cidade de Codó, no estado do Maranhão. A pesquisa de campo considerou os desafios enfrentados por elas no mundo do trabalho, sem deixar de considerar os desafios socioeconômico e cultural aos quais estão sujeitadas. Para realização desse estudo utilizamos o método qualitativo, com observação da realidade das mulheres, aplicação de entrevistas semiestruturadas, levantamento e leituras de textos bibliográficos e documentais, como também levantamento de dados secundários junto ao IBGE. As reflexões suscitadas foram norteadas por diálogos teóricos com autoras que pesquisam sobre trabalho e história das mulheres, como Pierrot (2007), Bruschini (1985), e Amalia Sina (2005), dentre outras. Com isso foi possível perceber como as mulheres são promotoras de mudanças dos papéis sociais de subalternização destinados a elas. A ampliação de sua inserção no mercado de trabalho da visibilidade as suas habilidades e capacidades de transitar entre o ambiente privado e o público, cumprindo dupla, as vezes tripla jornada de trabalho.

Palavras-chave: Mulheres; Trabalho; Protagonismos; Trizidela.

ABSTRACT

This study aims to understand the protagonism and autonomy of working women in the Trizidela region, in the city of Codó, in the state of Maranhão. The field research considered the challenges they face in the world of work, without neglecting the socioeconomic and cultural challenges to which they are subject. To carry out this study, we used the qualitative method, with observation of the reality of women, application of semi-structured interviews, survey and reading of bibliographic and documentary texts, as well as collection of secondary data from the IBGE. The reflections raised were guided by theoretical dialogues with authors who research work and women's history, such as Pierrot (2007), Bruschini (1985), and Amalia Sina (2005), among others. With this, it was possible to perceive how women are promoters of changes in the social roles of subordination assigned to them. Expanding your presence in the job market gives visibility to your skills and abilities to move between the private and public environments, working double, sometimes triple, shifts.

Keywords: Woman; Work; Protagonism; Trizidela.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA TRIZIDELA NA CIDADE CODÓ.....	13
3 ARGUMENTOS PARA REFLETIR SOBRE MULHERES, TRABALHO E AUTONOMIA.....	17
4 AS MULHERES DA TRIZIDELA, O TRABALHO E AS MUDANÇAS EM SUAS CONDIÇÕES DE VIDA	21
4.1 Para empreender requer persistência: “Acreditei no meu próprio negócio.”.....	23
4.2 Autonomia através do trabalho: “Sou uma mulher independente financeiramente e realizada.”.....	24
4.3 Mulheres ressignificando o trabalho: “Não trabalho só pelo dinheiro, mas porque me traz independência.”.....	25
4.4 A autonomia para poder administrar o tempo de trabalho: “A liberdade de fazer do tempo o que quero.”.....	26
4.5. Os compromissos com os trabalhos que executam: “Uma coisa que a mulher tem é comprometimento.”.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERENCIAS.....	32
APÊNDICES ..	35
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

Como diz Perrot (2007) “[...] destacar as mulheres significa verificar que elas têm uma história [...]”. Este pensamento, decifra a relevância da real motivação para a construção deste estudo, ao mesmo tempo que projeta interesses para fazer uma leitura do presente; ciente de que a história das mulheres está abrigada em combates, transformações, conquistas, descontinuidades e permanências, que as revertem de protagonismo e autonomia. Ao escrever, produzir reflexões femininas acerca da experiência de mulheres é mais uma etapa do longo processo que contribui para que sejamos protagonistas de nossa própria história.

Assim, o objetivo deste estudo é compreender os protagonismos e autonomia das mulheres trabalhadoras da região da Trizidela, na cidade de Codó, no estado do Maranhão. Com este propósito, observamos e conversamos com mulheres que tem diferentes histórias, profissões e percepções sobre a sua própria condição de vida.

Elas têm histórias, e o trabalho é um instrumento que lhes proporciona gerir suas vidas. Quando assumem o protagonismo em atividades nas quais foram subjugadas como incapazes criam autonomia. A emancipação feminina elucida um conjunto de características, das quais destacamos o compromisso que as mulheres tem com as atividades que desenvolvem, pois com agilidade fazem múltiplas tarefas ao mesmo tempo, na esfera pública e privada.

Este estudo é relevante, porque não só se alia a outros que descortinam as histórias das mulheres, mas porque dá continuidade à reflexão e visibilidade do seu protagonismo e autonomia, que compreendemos não se limitar ao campo do trabalho, mas também rompe a hierarquia familiar, perpassando pela conquista das mulheres em fazer suas próprias escolhas e seguir suas vontades.

A motivação para fazer este estudo vem da percepção de que a mulher, na sociedade contemporânea, vem conseguindo reverter sua condição social de subalterna, que lhes foi imposta desde os tempos mais primórdios da humanidade. As mulheres foram silenciadas no espaço privado da casa, tendo seus afazeres domésticos invisibilizados e desvalorizados, sobretudo na perspectiva da geração de renda. Embora isto ainda continua enraizado no seio da sociedade, consideramos que na contemporaneidade tem ocorrido mudanças concretas e significativas para as mulheres, que precisamos contribuir com a visibilidade e valorização.

À medida que a expansão do sistema capitalista de produção e os conflitos mundiais, impuseram novos papéis para as mulheres, pois o mercado demanda mais mão de obra para a produção de mercadorias, as mulheres foram conquistando espaço no mercado de trabalho.

Porém em condições inferiores, pois com a separação sexual do trabalho, os salários das mulheres eram inferiores ao dos homens, mesmo desempenhando as mesmas funções. Esse contexto, também é marcado por aspectos positivos quanto à reivindicação e implementação de leis trabalhistas mais justas para homens e mulheres, assim como há aumento significativo da presença de mulheres em profissões consideradas de domínio masculino como advogadas, médicas, engenheiras, e muitas outras.

Cientes da trajetória crescente da visibilidade da mulher as experiências que trazemos neste estudo estão focadas no trabalho feminino da Região da Trizidela, localizado na cidade de Codó, no estado do Maranhão, no período entre 2009 a 2019, apontando os diversos fatores que tecem evidências sobre protagonismo e autonomia das mulheres enquanto trabalhadoras.

A pesquisa de campo foi de natureza qualitativa, preocupando-se com a qualidade dos dados e das informações produzidas, visto que “a pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, (Minayo, 1995, p. 22).

O caminho metodológico para a construção do estudo teve como etapas fundamentais a pesquisa bibliográfica de autoras como Bruschini (1985) e Michelle Perrot (2007); e, a realização de cinco entrevistas com roteiro semiestruturado, com mulheres trabalhadoras da Região da Trizidela.

Para as observações do campo de estudo e a realização das entrevistas foi relevante as orientações de Bunge (1972) ao dizer que os fatos levantados correspondem a duas finalidades da pesquisa científica que seriam a acumulação e compreensão. E, também, Bourdieu (1999) que diz que a pesquisa tem como ponto de partida a singularidade, e a transcrição deve conter fidelidade ao que o pesquisado disse e sentiu quando entrevistado.

Triviños (1987) aponta que a entrevista semiestruturada possibilita não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também explica a compreensão do todo. Em sentido complementar Albert (2003, p. 2) diz que “as entrevistas tomadas como fontes, são uma forma de nos aproximarmos da realidade (do passado e do presente).”

Seguindo estas orientações metodológicas os dados empíricos produzidos aqui estão ancorados nas interlocuções com cinco mulheres da Região da Trizidela, na faixa etária de vinte a quarenta e cinco anos, sendo uma professora, uma funcionária do comércio, outra da indústria, uma microempreendedora e uma artesã as quais responderam a um roteiro semiestruturado.

Os critérios para escolha dessas trabalhadoras como interlocutoras diretas estão relacionados ao local onde residem e trabalham, bem como a disponibilidade de apresentar-se como protagonistas de sua história.

Na identificação das entrevistadas privilegiamos as categorias profissionais de professora, comerciante, trabalhadora da indústria, microempreendedora e artesã. Os relatos das mulheres foram sistematizados segundo o roteiro das entrevistas semiestruturada.

As entrevistas foram realizadas, de acordo com a disponibilidade das mulheres, no local de trabalho e em suas residências, previamente agendado, no período de novembro de 2022 a outubro de 2023, na Região da Trizidela. Ressaltamos que as interlocutoras permitiram que tirássemos fotos, e citássemos seus nomes próprios.

Para adensar esses diálogos, também fizemos um processo de escuta de mais sete interlocuções, das quais seis foram mulheres, que em exercício livre da memória nos contaram fragmentos de suas vidas relacionados ao trabalho e a construção de sua autonomia.

Nossas hipóteses preliminares foram as de que a maneira como as mulheres atravessam barreiras impostas pela estrutura social do patriarcado, principalmente no campo do trabalho, impactam a renda familiar, pois avançam para novas frentes de trabalho, que evidenciam suas habilidades e capacidades de exercer papéis sociais diversos, nos espaços públicos e privados.

Este estudo, encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta breve contextualização histórica acerca da Região da Trizidela e do bairro São José. Para complementar as informações dos dados apresentados, para melhor localizar o/a leitor/a, apresentamos um mapa no anexo 01.

O segundo capítulo, discorre sobre a força de trabalho feminino sob a lente de alguns autores/as; e ainda traz breve contextualização das mudanças e impactos do trabalho das mulheres em Codó.

O terceiro capítulo, apresenta os resultados das entrevistas feitas com as mulheres que compõe à categoria mulher e trabalho. Para contribuir com a percepção do perfil de nossas entrevistadas, inserimos breve perfil no apêndice 01. Seguido das considerações finais.

1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA TRIZIDELA, NA CIDADE CODÓ.

O ano de 1780 marcou o início do povoamento de Codó. Elevada à categoria de Vila através da Resolução Régia, em 19 de abril de 1833 (Melo; Souza; Salazar, 2019, p. 36). Sua economia era baseada em atividades agrícolas desenvolvidas por portugueses e senhores da aristocracia rural maranhense. Um dos primeiros exploradores foi o agricultor Luís José Rodrigues e o português Francisco Marques Rodrigues¹. Pela Lei Estadual Nº 13, de 16 de abril de 1896, foi elevada à categoria de cidade, sancionada pelo governador Alfredo da Cunha Martins, mas já existia enquanto povoação desde o período colonial (Castello Branco, 1875).

Relatos presentes na obra de Machado (1999) indicam que a área da cidade era historicamente habitada por povos originários das etnias Urubu, Barbado, Guanaré, Timbira e Gamela. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, Codó recebeu grandes contingentes de populações negras escravizadas. Estas foram direcionadas às atividades relacionadas às lavouras, sobretudo de algodão e arroz. A partir da segunda metade do século XIX, Codó atraiu imigrantes estrangeiros como os sírios e os libaneses, que foram ativos nas relações comerciais e agrícolas da localidade. No final desse século, o município se destacou na participação da gênese da industrialização do Maranhão, (PPP de Humanas/UFMA, 2022)².

A cidade de Codó está situada na região do cerrado maranhense, banhada pelos rios: Itapecuru, Saco e Codozinho. O município anteriormente estava dividido em Cidade Alta à margem esquerda do rio Itapecuru e Cidade Baixa à margem direita do mesmo rio, hoje, Região conhecida como Trizidela. (Melo, Souza, Salazar, 2019, p. 38).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE o município, atualmente, conta com uma área de 4.361,606 km² e população de 114.269 habitantes (IBGE, 2022), ainda segundo este instituto, a população masculina soma o quantitativo de 57.403 e a população feminina 60,35. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,595 (2022) e o com PIB per capita de R\$ 8.971,68 (2022). A principal atividade econômica é o comércio e serviços, seguida por indústria e agropecuária.

¹Disponível em <<http://www.codo.ma.gov.br>> Acesso em 22/06/2023.

² Plano Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas com habilitação em História, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão (2022).

A Lei Municipal³ nº 726/83, datada de 04 de julho de 1983, revoga a Lei nº 574/79, de 31 de maio de 1979, fazendo a divisão da cidade, delimitando seus primeiros bairros, tornando-se Codó uma cidade organizada através dos seguintes bairros: Centro, São Benedito, Cidade Nova, São Francisco, Santa Filomena, Santa Rita, Santa Luzia, São Pedro, São Sebastião, Santa Lúcia, Nossa Senhora das Graças, Santo Antônio e São José. Nota-se que não consta neste registro os bairros da região da Trizidela, exceto pelo Bairro São José, que é o único da região que é identificado na lei, sendo o restante do perímetro da Trizidela considerada como área rural.

Segundo a Secretaria Municipal de Saúde de Codó, através do núcleo de vigilância epidemiológica e controle de doenças, que dispõe de planilha de monitoramento e controle dos bairros da cidade, na Região da Trizidela, formada pelo conjunto de bairros situados à margem direita do rio Itapecuru, relacionados até 2017, eram: São Raimundo, São José, São Vicente Pallotti, Nossa Senhora de Fátima e residencial Zito Rolim. Ressalte-se que apenas dois bairros, São Raimundo e Residencial Zito Rolim, são assistidos pelo núcleo de vigilância epidemiológica e controle de doenças. A ausência da prestação desse serviço público reflete como essa região foi sendo estigmatizada pelo perfil de pobreza, ao longo de sua formação histórica.

Para Machado (2011), a Trizidela, situado à margem direita do rio Itapecuru é parte da construção histórica da cidade de Codó. “[...] cada Rua, cada esquina, cada travessa e becos guardam parcelas vivas da rica história do Codó e de seus primitivos habitantes, resultado do caldeamento de raças”.

A Trizidela foi composta inicialmente por uma massa vinda da zona rural, que buscava melhores condições de vida. Famílias foram se acomodando, abrindo ruas, ocupando veredas, construindo como podiam suas casas.

O bairro da Trizidela [...] com o seu casario de telhas fazendo o estilo que classificaríamos de Renascença Brasileira: habitações puramente residenciais denominadas ‘morada inteira’ apresentando duas janelas de cada lado e uma porta de entrada no meio, dando acesso a um corredor dividido em dois, tendo aí uma porta separando-os, com o fim de manter o visitante fora dos cômodos da casa [...] as demais variantes eram as ‘porta-janelas’, as ‘meias-moradas’ e as que se destinavam à moradia e comércio [...] onde se negociava ou armazenava-se gêneros da fauna, da flora ou da lavoura. (Santos, 1984).

Do ponto de vista da organização e da expansão econômica da Trizidela consideramos que toda a família trabalhava, tanto as mulheres, como as crianças em empreendimentos tais

³Leis Municipais. Disponível em <<http://www.codo.ma.gov.br.pdf>> Acesso em 16/06/2023.

como: usinas de pilar arroz, fábricas de cerâmicas, olarias, oficinas de couro, comércio varejista, extrativismo, agricultura e pesca.

A interlocutora Francisca Maria Cruz Siqueira, 68 anos, nos informou que na “rua Marcos Rocha havia uma família que trabalhava, com uma máquina de tear, fabricando redes, mensalmente chegavam a fabricar até vinte redes. Disse que,

[...] meu falecido sogro Pedro Ferreira, trabalhava com couro; fabricavam acessórios como chapéu, cinto, gibão, com o couro de veado⁴, atualmente dois dos meus filhos seguem com o empreendimento, Laudelino Sousa Siqueira e Raimundo Sousa Siqueira [...] (Siqueira, 2022).

Com relação a dimensão religiosa presente no bairro, note-se além de templos católicos e evangélicos que se mantem viva as manifestações de religiões de matriz africana. Em visita à casa do Senhor Pedro Sousa, 61 anos e de sua esposa Ilda Maria da Conceição, 56 anos, descobrimos que ela é mãe de santo; responsável pela Tenda Santa Rita e Santa Filomena. O senhor Pedro disse que “a Tenda é reconhecida como de utilidade pública, e desde 1985 desenvolve sua obrigação⁵ nos meses de dezembro, fevereiro e agosto.

Quanto as práticas do catolicismo o senhor José Leonardo Pereira de Araújo, 63 anos, cita no seu relato que,

A Capela São José, foi uma ‘promessa’ de minha mãe Geracina D’ Aguiar. Construída de taipa na década 1960, pelos moradores, que foram mobilizados por ela, depois foi construída de alvenaria. Pertenceu a minha família até a década de 1990, depois foi entregue para a Diocese de Coroa, na gestão do Bispo Dom Reinaldo Pünder a qual deu continuidade. O pároco Padre José Wasensteiner esteve à frente da construção, padroeiro São José, todo ano havia o ‘festejo’ [...] (Araújo, 2022).

Durante muitos anos acontecia a festa junina, no largo da Capela São José. O entrevistado José Leonardo Pereira de Araújo disse que “foi proibido todas as festas realizadas no pátio das igrejas da cidade, por isso ele passou a acontecer na praça próximo à Unidade I. M. Governador Archer”. Também há uma outra capela, de São Francisco, localizada na travessa Maria Quitéria.

Há na Região da Trizidela centros religiosos evangélicos: Igreja Batista da Graça de Deus, Igreja Adventista do Sétimo Dia, situados na Rua Marcos Rocha, e na Avenida Cristóvão Colombo, Assembleia de Deus.

⁴O artigo 3º da Lei nº 5. 197, de 3 de janeiro de 1967, assegura a proibição e comércio de espécies da fauna e também de produtos e objetos que corroborem para a sua caça, perseguição, destruição ou apanha. (www.planalto.gov.br. Acesso em 06/05/2022/).

⁵ O termo é usado comumente em referência a rituais realizados após a feitura (iniciação), mas em um sentido mais amplo fala de um modo próprio de construir e cuidar de vínculos ao longo do tempo, que é característico do Candomblé. (Rabelo, p.1, 2020).

A participação das mulheres nas mais variadas manifestações religiosas aparece não somente como fiéis seguidoras da religião, mas também como pastora, religiosas, líderes de comunidades, que são protagonistas em seus espaços religiosos.

As mulheres continuam sendo maioria no protagonismo da educação nesta região, o jornal *Gazeta do Codó* de 1893, noticia a presença das mulheres na área do trabalho educacional.

No dia 2 do corrente abrigou-se a aula pública do sexo feminino, da Trizidella, para cuja cadeira fora nomeada a exma. Sra. De Maria Dorothea dos Santos. [...] Maria Dorotéa dos Santos, professora pública interina desta Povoação; faz público que a sua aula acha-se funcionando em todos os dias uteis no salão da casa do sr. Henrique Nunes de Araújo Costa, Trizidella do Codó. (*Jornal Gazeta do Codó*, 1893)

No contexto atual a região conta com dez escolas públicas municipais e duas escolas públicas estaduais que atendem as crianças, jovens e adultos. Tem um farol da educação denominado “Professora Carmen Palácio Lago, inaugurado em 2005.

Com relação as manifestações culturais e de lazer mais expressivas na construção histórica do lugar podemos, de acordo com os relatos, destacar a prática de esporte (futebol), os festejos dos santos juninos, bumba boi, xaxado, quadrilhas, grupos culturais diversos.

O senhor Manoel Rodrigues Alves, 73 anos, nos fala do cinema. Segundo Melo; Souza e Salazar (2019), funcionaram dois cinemas em Codó, de 1950 até 1960, que eram frequentados pelos moradores da Região da Trizidela.

[...] O cinema teve no processo de socialização dos frequentadores do Cine Teatro São Luiz e Cine Olinda, desde a década de 1950 até a década de 1960, em Codó [...] localizados na Praça Governador Archer [...] onde todos se encontravam antes das sessões e conversavam [...] nova forma de lazer [...] (Melo; Souza; Salazar, 2019, p. 37-39).

No campo da cultura destacamos a participação de moradores da Trizidela nas festas culturais que eram comuns como as matinês, a festa do 13 de maio, no Centro Operário. Na União Artística Codoense e no Guarapari, considerados clubes renomados da cidade, apenas para sócios “brancos”, as pessoas deveriam estar “bem-vestidas” de terno.

Tendo explanado sobre a diversidade de elementos que caracterizam o lugar, é relevante ressaltar que atualmente a Região da Trizidela está tomado por empreendimento econômicos tais como: comercio varejista, fábrica de cerâmica, empresas privadas de serviços (telecomunicação, postos de gasolina), assim como pequenos empreendimentos familiares. Note-se a forte participação feminina dentro desses empreendimentos econômicos que geram

renda. As mulheres da Trizidela figuram não somente como empregadas, mas também como microempreendedoras.

2 ARGUMENTOS PARA REFLETIR SOBRE MULHERES, TRABALHO E AUTONOMIA.

Como o trabalho das mulheres ao longo de séculos contribuiu para evidenciar seu protagonismo e autonomia, nos suscita fazer aproximações com o trabalho das moradoras da Região da Trizidela, no período de 2009 a 2019.

Ao contrário da dona de casa de sexo frágil, mantida restrita no espaço privado, a mulher contemporânea entende que seu papel é desprendido de amarras, pois mesmo cuidando da casa e da família ela consegue conciliar esses papéis com o trabalho na esfera pública quanto na privada. A inserção das mulheres no mercado de trabalho tem garantido independência e autonomia financeira, para libertarem-se das amarras de relações abusivas no ambiente familiar.

[...] erra muito quem, ao pensar nas mulheres brasileiras hoje, visualiza a dona-de-casa, conformada e satisfeita com sua dependência e submissão ao marido, ou à espera de um. Não é assim que elas se veem, não é assim que elas vivem. A inserção no mercado de trabalho, conquista ou meta da maioria das mulheres, é valorizada sobretudo por possibilitar a construção de sua autonomia, ou ao menos por trazer independência econômica em relação aos (seus) homens. (Gustavo Venturi; Marisol Recaman, 2009, p. 28).

Uma realidade que se distancia do analisado por Michele de Perrot (2007), que bem reflete a condição de inexistência da mulher que não tinha sobrenome no século XVIII. Citando Lévi-Strauss, a autora reforça que, em uma aldeia, por exemplo, depois da partida dos homens, se negava a presença da mulher dizendo que não havia mais ninguém naquele lugar, exceto as mulheres e as crianças, ilustrando a inexistência da mulher enquanto ser, quando separadas dos homens,

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximos dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do XIX para ter reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. (Perrot, 2007, p. 11).

Na teia da história a força de trabalho feminino, que teve seu início atrelada ao sistema escravista, seja no período colonial ou na industrialização (Hobsbawm, 2008), também é marcada por apagamentos da participação da mulher no desenvolvimento econômico.

É sabido que a mulher, outrora, viveu à sombra, à margem da sociedade, segregada ao lar. Bruschini (1985) reflete que o trabalho além de alterar a condição da mulher, também ejeta

emancipação, ou seja, a mulher até aproximadamente o final dos anos 1960, identificava-se apenas pela esfera privada do lar.

[...] é forçoso que as próprias mulheres tomem consciência de seu lugar subalterno na família e na sociedade e pressionem por uma verdadeira mudança. O ingresso na força de trabalho pode ser um primeiro passo, nesse sentido, para a emancipação feminina (Bruschini, 1985, p. 4).

Em se tratando de emancipação da mulher, o trabalho fora do espaço privado, imprimiu mudança na vida delas, é evidente, pois a partir dessa saída do privado para o público possibilitou independência não só financeira, como também fomentou autoconfiança para que pudesse demonstrar e ser reconhecido as habilidades e as capacidades da mulher para desenvolver, no mercado de trabalho, funções que eram restritas ao homem, como na área da construção civil.

[...] mudanças da situação das mulheres nos últimos anos, na qual a possibilidade de entrada o mercado de trabalho e a conquista da independência econômica aparecem em primeiro lugar. [...] aparecem as questões associadas à liberdade e à independência pessoal, de agir como se quer, de tomar as próprias decisões (Rago, 2009, p. 153).

A vida em sociedade é marcada por discontinuidades e permanências, na vida das mulheres não é diferente, ocorreram transformações, que invisibilizaram a importância da mulher, como “[...] o trabalho em domicílio, a pequena produção caseira e o trabalho doméstico [...] muito do que fazem permanece invisível no espaço do lar” (Bruschini, 1985, p. 6-24), porém, o trabalho assalariado deu nova ressignificação à vida delas, mesmo que em condições ainda desiguais em relação aos homens, como os baixos salários, romper o espaço privado da casa para assumir funções públicas tem empoderado as mulheres.

As mudanças seguem no fluxo da história, na segunda metade do século XVIII, a força de trabalho feminino foi inserida, marcadamente no período da Revolução Industrial, (Hobsbawm, 1978). Já no século XX a inserção foi maciça. A segunda guerra mundial contribuiu para essa expansão, pois o emprego assalariado aumentou. Com a escassez de mão de obra masculina, pois os homens estavam na trincheira da guerra, abrindo espaço para inserção das mulheres. O espaço privado deu lugar ao público; o qual foi sendo cada vez mais ampliado, pois as mulheres souberam aproveitar a oportunidade para demonstrar seu potencial produtivo. Para Bruschni (1985) o trabalho da mulher, anteriormente oculto, passa a estar em toda parte.

Com a industrialização, o processo de expansão do capitalismo brasileiro foi intensificado e diversificada a participação da mulher no mercado de trabalho, como: no serviço militar, na construção civil, na engenharia, na medicina, carreiras anteriormente ocupadas somente por homens. Esta nova ordem produziu transformação no papel tradicional da mulher na sociedade, antes condicionada as ocupações do cuidado do lar, dos filhos e do marido, a mulher passa a ter “duplo papel na produção social” (Bruschini, 1985, p. 23) (Madeira; Singer, 1971 *apud* Bruscinhi, 1985).

Para Rago (2009) o século XXI tem acirrado mudanças culturais, redefinindo o lugar da mulher na sociedade, ela pontua que desde 1970, devido a modernização socioeconômica, muitas mulheres puderam adentrar ao mercado de trabalho.

[...] o feminismo emergente passou a pressionar incisivamente por uma redefinição de seu lugar na sociedade. A mulher foi tão radical que, hoje dificilmente alguém ousaria afirmar [...] que a mulher não tem a capacidade mental ou condições físicas para ser uma boa governanta, dirigente política, empresária, engenheira, juíza, médica, delegada ou esportista [...]. (Rago, 2009, p. 32).

O que se percebe na atual realidade, é que elas estão em toda parte, tornando inegável a participação delas nos postos de trabalho. Trabalho esse que é diverso e que foi aumentado à medida que a mulher deixou o espaço privado, para ingressar no público.

Um rápido olhar sobre as ruas e praças de várias cidades no mundo pode ser revelador de sua crescente e colorida presença no espaço público [...] em posto de gasolina, restaurantes, bares, cinemas, lojas, bancos, empresas, escolas e universidades, ou ainda nas delegacias [...]. (Rago, 2009, p. 32).

Ao longo desse processo construtivo a mulher não abandonou o espaço privado, pois ela também continua trabalhando nele, nos afazeres domésticos, no cuidado dos filhos. Ou seja, ela ainda segue fazendo tarefas que foram determinadas para elas desde os primórdios.

Segundo Bruschini (1985) a participação das mulheres é marcada pela diversidade e pela intermitência de entradas e saídas no mercado de trabalho, entre atividade produtivas e funções reprodutivas, esta última definida a partir de funções biológicas, condicionada à ocupação do lar, e a posições subalternas na hierarquia produtiva.

Associa-se ao crescimento do trabalho feminino a inclusão de novos valores, gerando mudança de comportamento tanto da parte das trabalhadoras, quanto dos empregadores, resultado do rompimento dos valores tradicionais. (MTB/SENAI, 1976 *apud* Bruschini, 1985, p. 15).

A história das mulheres foi ocultada, e ao transpor do espaço privado para o público elas passaram a editar uma nova História. O trabalho assalariado contribuiu para sua emancipação econômica e visibilidade.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas (Perrot, 2006, p. 15).

Ao longo desse processo a mulher vivenciou dificuldades, como a violência conjugal, salário inferior, mas também foi beneficiada e privilegiada por suas próprias lutas e conquistas como implementação de leis trabalhistas, aumento da presença das mulheres em profissões: como advogadas, médicas, engenheiras, gestoras públicas e várias outras. (Gustavo Venturi; Marisol Recaman, 2009).

[...] ela não quis resignar-se a um papel passivo e optou por lançar-se em busca de aventuras nas ocupações antes só destinadas ao sexo forte [...] as mulheres invadiram as fábricas, os escritórios, os comércios, os bancos [...] solicitando uma independência emanada de seu trabalho (Pinsky, 2014, Emancipação feminina, *Jornal das Moças*, 1954, p. 18,).

Essa emancipação feminina elucida um conjunto de características que é peculiar no trabalho delas, conseguem desenvolver com agilidade múltiplas tarefas ao mesmo tempo, na casa e no mundo do trabalho.

O trabalho é mais um aditivo que projeta dignidade e autoconfiança as mulheres. Contudo as desigualdades do gênero e preconceitos ainda é constante na vida das mulheres.

A ampliação da presença da mulher no mercado de trabalho, comprovada tanto pelo aumento das taxas de atividade feminina [...] explicada como consequência de vários fatores. De um lado a aceleração do processo de desenvolvimento econômico, gerando aumento dos níveis de industrialização e rápida urbanização [...] teria acarretado a ampliação do mercado de trabalho [...] provocando maior demanda por mão-de-obra feminina (Bruschini, 1985, p. 15).

Some-se a inserção da mulher no mercado de trabalho a vários outros avanços ao longo do século XX, como “a luta pelo direito a uma vida sem violência, que possibilitou a aprovação da Lei Maria da Penha, em 2006, é um caso exemplar de exercício de uma cidadania ativa expressa no discurso e na atuação das feministas no espaço público” (Barsted, 2011, p.15). A lei nº 9.799/99 que “insere na consolidação das Leis do Trabalho regras sobre o acesso da mulher ao mercado de trabalho”, (BRASIL, 1999). A lei nº 10.208/01 acresce dispositivos à Lei nº 5.859, de 11 de dezembro de 1972, que dispõe sobre a profissão de empregado doméstico,

para facultar o acesso ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS e ao seguro-desemprego, (BRASIL, 2001). Por fim, a lei nº 10.244/01 revoga o art. 376 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT para permitir a realização de horas-extras por mulheres, (BRASIL, 2001).

A vida das mulheres mudou consideravelmente, se comparada a períodos em que nascia já com destino determinado: ser mãe, esposa, administradora do lar. Como mulher deveria aprender logo cedo como cuidar da casa, pois o que a mãe sabia deveria ensinar as filhas. Elas, não abandonando o que lhes fora posto, na trilha de um outro destino mira novos desafios.

O Jornal Êxito (1950) enfatiza, que elas estavam ocupando outros lugares, direcionando assim, a vida das mulheres apenas para a condição de criminalização.

Mulher (Dedicado a alguém)

“A mulher fútil. Ela vive por aí. Está em toda parte. Anda com seu sexo. Nos lares, nos prostíbulo [...] esbanjando vaidade, enriquecendo costureiros [...] exibindo-se por profissão e recatando-se por hipocrisia [...] Esquecendo-se da feminilidade e masculinizando-se na concorrência ao homem [...] inorementando o erotismo urbano dos homens. (Jornal Êxito, 1950).

Em sociedades cuja estrutura do patriarcado prevalece as mulheres ainda sofrem preconceito e discriminação por serem mulheres. Pois neste sistema prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual. (Folter, 2021).

Os enfrentamentos contra essas formas de opressão também têm continuidades no fluxo da história. O movimento feminista, como forma histórica de organização das mulheres, questiona as limitações impostas às mulheres e coordena ações de denúncia e tomada de responsabilidade com foco em gerar uma sociedade realmente igualitária. O movimento feminista tem pautado na agenda pública importantes questões que envolvem o trabalho, a autonomia e o protagonismos das mulheres. (Folter, 2022)

3 AS MULHERES DA TRIZIDELA, O TRABALHO E AS MUDANÇAS EM SUAS CONDIÇÕES DE VIDA

“Não quero somente trabalho e dinheiro, quero liberdade (Perrot, 2007)

Como já destacado, Bruschini (1994) ressalta que o comportamento feminino foi alterado pelo trabalho, que desde a década de 1970 vem crescendo.

Na historiografia por um longo período elas foram apresentadas apenas como uma leve sombra (Perrot, 2007). De acordo com Soares (1994) elas mudaram sua condição social através

da força de trabalho feminina que nos últimos 30 anos tem tido uma persistência de crescimento, e isto leva ao aumento das famílias chefiadas por mulheres como também os arranjos familiares com cônjuge, onde as mulheres são responsáveis pela renda familiar.

No século XX, a legislação brasileira avançou com relação ao reconhecimento da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Na Constituição Federal (1988), no art.7, inciso XX, a garantia da “proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos”. Em seu inciso XXX expõe a “proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil”.

O que está garantido na Constituição Federal de 1988 certamente representa um avanço importante na luta das mulheres por acesso ao trabalho e a renda, assim como melhores condições de trabalho. Porém somente em 2023 o governo federal aprovou a Lei 14.611, de 03 de julho de 2023, que iguala os salários entre homens e mulheres, conforme a publicação de 04 de julho de 2023, do (BRASIL, 2023)

Artigo 1º dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios nos termos da regulamentação, entre mulheres e homens para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função e altera a Consolidação das Leis do trabalho aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. (BRASIL, 2023).

Na esteira do trabalho das mulheres, na Região da Trizidela, no bairro São José, encontramos os registros do Cartório do Registro Civil do Bairro Trizidela, da Comarca de Codó, onde registra-se o empreendimento de uma mulher chamada Yonie Nely Ribeiro Coelho, mas que foi desativado na década de 1970. Embora o empreendimento tenha sido desativado, o registro aponta que as mulheres dessa região têm tradição de empreender.

Ao analisar os livros de registro de nascimento e casamento, que datam de 1957 a 1970, o que encontramos e que destacamos é o registro das profissões destinadas as mulheres, tais como: prendas domésticas, domésticas, serviços domésticos. Se havia outras profissões, não foram registradas.

Já no contexto atual sobre a cidade de Codó, o portal de notícias G1 Maranhão⁶, em matéria publicada em outubro de 2012, aponta que vem crescendo o número de mulheres na área do empreendedorismo em Codó, conseguindo abrir seu próprio negócio.

A história de mulheres trabalhadoras da Região da Trizidela, pois são presença marcante no mercado de trabalho do lugar, não apenas na condição de empregada, mas também de empreendedora. No cotidiano da região é possível vê-las como vendedoras, empresárias,

⁶ G1. Globo. Maranhão, 2023.

professoras, psicólogas, secretárias, médicas, artesãs, vendedoras, autônomas, dominando variadas profissões. Sem deixar que as dificuldades sejam intransponíveis.

A seguir apresentamos os diálogos com as mulheres trabalhadoras da Região da Trizidela, que exemplificam como estas mulheres travam lutas cotidianas para conseguir melhores condições de vida.

4.1 Para empreender requer persistência: “Acreditei no meu próprio negócio.”

Está evidenciado que a força de trabalho feminino constrói protagonismo e autonomia na vida das mulheres. Bruschini (1998) destaca que foram as transformações sociais, como a necessidade econômica, entre outras já citadas neste estudo, que contribuem para emancipação das mulheres. A empreendedora Antônia Gardênia da Silva Freire, 41 anos, solteira, ao expor parte de sua trajetória como trabalhadora, diz que:

Depois de cursar o ensino médio, comecei a trabalhar, isso com 19 anos, o que me trouxe experiência profissional. Acreditei que poderia ter meu próprio negócio, (é o que digo, você tem que acreditar em você) com coragem, confiança, persistência, perseverança, não desisti e enfrentei as dificuldades, e ainda enfrento, não me deixo ser vencida por elas [...] hoje me identifico como uma mulher que está cada vez mais buscando se renovar, focada no trabalho, conectada com as tecnologias para oferecer o que é visivelmente atual com que o mercado pede [...] o trabalho me proporcionou vida nova (Freire, 2022).

No relato de Freire (2022) se confirma que surgiram novas oportunidades para o trabalho produtivo e remunerado das mulheres. Bruschini (1994) fala que desde os anos 1970 vem ocorrendo transformações no âmbito cultural, social, político e econômico, fatores como a queda das taxas de fecundidade, reduzindo o número de filhos, o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres e a expansão da escolaridade são elementos que favorecem a autonomia das mulheres.

Freire (2022) acrescentou: “quando construí minha casa, ouvi comentários do tipo, já pode se casar, só falta o homem. Ah! eu sou feliz, sem precisar”. A fala da interlocutora expressa as modificações ocorridas na vida afetiva das mulheres, pois não condicionam a sua realização pessoal e econômica aos vínculos estabelecidos com os homens, como o foi no passado, através dos casamentos arranjados ou contratuais entre famílias, à revelia dos desejos amorosos das mulheres.

Freire (2022) ressaltou que se ver como uma mulher independente financeiramente e emocionalmente, pois “gerencio minha própria renda”, para ela as mulheres atualmente estão contribuindo cada vez mais com o desenvolvimento da econômico.

4.2 Autonomia através do trabalho: “Sou uma mulher independente financeiramente e realizada.”

Jacineide Aprígio de Sousa, 34 anos, solteira, professora, resalta que,

Me identifico como uma mulher independente, através do trabalho, posso dizer que estou realizada financeiramente [...] no percurso da graduação, o da licenciatura, recebi críticas, porém me formei em química pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA). No início foi difícil, porque o meu primeiro trabalho como docente foi na zona rural. [...] ainda tentei outros trabalhos, mas não me identifiquei (Sousa, 2023).

Sousa (2023) comenta que sua mãe foi primordial na sua tomada de decisão para escolha da carreira docente, pois o sonho dela era ser professora de matemática, mas infelizmente não conseguiu, nem mesmo concluiu o ensino fundamental, pois seu pai dava prioridade para os filhos homens, as mulheres deveriam se dedicar a casa, já sendo preparada para o cuidado do lar após o casamento, a qual também ela estava predestinada.

Assim, ela destaca que interrompeu esse ciclo, incentivando suas filhas para fazerem suas próprias escolhas, a partir da priorização do estudo aos afazeres domésticos, ela diz que;

O sonho da minha mãe era ser professora de matemática, ela era muito inteligente, apesar dela não ter nem concluído o ensino fundamental II, mas ela cursou até a sétima série [...] ela não terminou porque naquela época, os pais, davam mais prioridade para ajudar os filhos homens, as mulheres eram para se dedicarem aos serviços domésticos, que era para casar, saber cozinhar, então com isso, ela não teve a oportunidade de terminar o ensino médio, para poder concluir o magistério, mas esse sonho dela permaneceu, então tudo isso contribuiu para que me influenciasse tanto eu como minha irmã, formei na área da docência e minha irmã em contabilidade, então ela foi uma peça fundamental, primordial para eu exercer a docência, se não fosse ela, eu não estaria aqui dando este depoimento. [...] Eu posso comprar o que eu quero, sair para onde sentir vontade, através do trabalho conquistei uma casa confortada, o qual também pude presentear a minha mãe com utensílios domésticos que ela tanto desejava, dentre bens materiais. Graças a minha mãe que pude me formar, sinto que também realizei o sonho dela (Sousa, 2023).

A experiência de Sousa (2023) nos ajuda a compreender que quando as mulheres tem a oportunidade de estudar elas conseguem romper o ciclo vicioso do aprisionamento de sua vida nos espaços privados, especialmente da casa. Assumir uma família passa a ser uma escolha e não obrigação para todas as mulheres.

4.3 Mulheres ressignificando o trabalho: “Não trabalho só pelo dinheiro, mas porque me traz independência.”

A entrevistada Rejane Cantanhede da Silva, 42 anos, mãe de dois filhos, casada, trabalha no comércio, diz que,

Trabalho desde os 14 anos, ajudando meu pai em um açougue, aprendi muito, o trabalho me deu confiança, e isto é um dos fatores que me motiva não só pelo dinheiro, mas porque me traz independência [...] posso afirmar que é uma conquista, a qual tenho como meta colocar meu próprio negócio. (Cantanhede, 2023).

Durante a entrevista Cantanhede (2023) demonstrou revolta com a demora em igualar salários entre homens e mulheres, pois para ela o número de mulheres no mercado de trabalho foi-se expandido ao longo dos anos, porém o reconhecimento salarial não acompanhou com a mesma velocidade.

A entrevistada compreende que apesar de toda globalização e tecnologia, ainda persistem situações de dependência das mulheres pelos maridos, percebe lentidão para melhorar a vida das trabalhadoras, mas reconhece as mudanças. (Cantanhede, 2023).

Para Cantanhede (2023) foram as condições de vida que limitaram seu acesso ao estudo e lhe impuseram a condição de ter que trabalhar. O casamento, a separação e a maternidade precoce lhe impuseram a responsabilidade de ter que gerir a própria vida. Além do trabalhando no comércio desenvolveu outras habilidades com artesanato, feitura e venda salgados. Ela vislumbra no trabalho a possibilidade de escolha, de autonomia para gerir a vida, fala que;

Trabalhando consegui criar os meus filhos e construir casa. [...] graças ao meu pai que me colocou cedo para o trabalho[...] estou bem, minha autoestima, corajosa [...] tu diz eu quero isso, meu propósito é esse, não depender [...] quero ter meu próprio negócio para ainda mais me sentir uma pessoa independente financeiramente (Cantanhede, 2023).

Cantanhede (2023) coloca que a mulher é aquela que está pronta constantemente para administração do que ocorre no seu dia a dia, mesmo que seu corpo físico esteja doente, ou sentido tristeza, ou outras adversidades que a deixe mau, ela continua realizando tarefas, é aquela que “faz tudo, é multe, um ser especial”.

O posicionamento de Cantanhede (2023) nos remete ao debate sobre as exigências que os papéis sociais desempenhados pelas mulheres impõe a seus corpos, pois ao ocupar funções nos espaços públicos e privados, às mulheres não é facultado o direito de não fazer determinadas tarefas, especialmente os cuidados no lar, não lhe sendo permitido errar ou mesmo adoecer.

Para ela os níveis de exigência não levam em consideração se ela está acumulando diversas funções, não admite assim que seja reconhecida como humano, passiva de cometer falhas.

Para ela, a autonomia das mulheres está em curso, pois aponta que estamos caminhando para sermos atuantes em todas as áreas, frisa que não somos meras participantes, mas aquelas que desenvolvem papéis preponderantes, que muitas vezes não tinham permissão, mas que quando conquistado assumem protagonismos. Para ela, e também para nós, essas conquistas simbolizam as habilidades e capacidades da mulher em atuar profissionalmente em quaisquer áreas. (Cantanhede, 2023).

Cantanhede (2023) enfatizou ainda que infelizmente o machismo ainda está presente em nossa sociedade,

[...] nós vivemos em uma sociedade machista, patriarcal, a qual nós fomos alicerçados, mas que tem encontrado além da independência, dignidade, segurança, elevação da autoestima, confiança, se considera uma trabalhadora incansável [...] sou muito feliz por trabalhar, gosto muito de trabalhar [...] as batalhas recorrentes no cotidianamente já não se dá tanta importância. (Cantanhede, 2023).

4.4 A autonomia para poder administrar o tempo de trabalho: “A liberdade de fazer do tempo o que quero.”

A entrevistada Cleytiane Furtado Fontes, 38 anos, mãe de um menino de quatro anos, casada, trabalha com artesanato diversificados, diz que,

Eu trabalho desde os 14 anos de idade, estudava num período e trabalhava no outro em trabalhos diversificados, lanchonete, assistente administrativo na Prefeitura Municipal de Codó [...] (Fontes, 2023)

Fontes (2023) fala que o artesanato é recente na sua vida, trabalha com o mesmo há apenas cinco anos, ressalta que trabalha com o artesanato porque é flexível, permitindo trabalhar com variados tipos, assim consegue acompanhar o que está na atualidade, procurando se adequar de acordo com as tendências, se propondo ao aprimoramento, se lançando a novos desafios, fala que é,

Um trabalho que me permite muita liberdade, pois, como o meu marido trabalha viajando, e quando chega quer um tempo mais com a família. [...] eu digo que antes eu trabalhava só oito horas, agora como trabalho com artesanato em casa, eu trabalho vinte e quatro horas, finais de semana, feriados, para uma artesã é assim, mas tem seu lado bom, que é gerenciar o seu tempo, eu tenho a liberdade de fazer do meu tempo o que eu quero, eu decido. Este trabalho me proporciona autonomia e independência. (Fontes, 2023).

O cotidiano de Fontes (2023) reforça a prática de que para as mulheres hétero e casadas não há flexibilização com relação ao cumprimento dos afazeres domésticos, destinado a maioria

dessas mulheres. Também nos permite refletir que, para não abrir mão de sua autonomia financeira, as mulheres engajam-se em trabalhos onde podem conciliar as duas dimensões da vida: família e trabalho.

4.5. Os compromissos com os trabalhos que executam: “Uma coisa que a mulher tem é comprometimento.”

Ana Grizelda Oliveira da Silva Sousa, casada, 34 anos, mãe de um filho, nos conta que se inseriu no mercado de trabalho aos 15 anos de idade, trabalha em uma indústria há dezesseis anos, já tendo trabalhado em todos os outros setores, atualmente trabalha no faturamento. Relata que há um número significativo de mulheres em cargos de chefia, e isto é uma conquista, se comparado com períodos anteriores, com limitado número de mulheres em cargos de direção. Informa que na cidade de Codó tem crescido o número de empreendimentos de mulheres, sendo percebidos em vários locais, como na Trizidela (Sousa, 2023).

Sobre bens adquiridos através do trabalho, ela diz:

Sabe você trabalhar e daquele dinheiro, você dizer assim: agora vou comprar algo para mim, isto é uma felicidade muito grande, por isso eu tenho esse apego a minha moto, depois comprei terreno, construí casa [...] foi uma coisa que eu sempre quis foi ter minha independência financeira, ter meu dinheiro, pois, antes eu já trabalhava com vendas, como autônoma, eu gosto de ter o meu dinheiro [...] (Sousa, 2023).

Sousa (2023) reconhece que pessoalmente o trabalho lhe trouxe crescimento, evoluiu mentalmente, pois ressalta já ter sofrido preconceito por ser mulher, chegando a escutar de homens no seu trabalho: “ela não serve para aquela vaga, serve é para o homem, porque é brutal”, o que para ela gerou ainda mais entusiasmo e animo para mostrar que podia ocupar quaisquer funções (Sousa, 2023).

Em sentido complementar as informações já apresentadas acrescentamos o recorte das falas de outras mulheres trabalhadoras da Trizidela, cujo perfil aponta para interlocuções com a temática abordada, como a de Maria da Conceição Cruz, 54 anos, solteira, formada em filosofia, que nos conta que, logo que encerrou o ensino médio, entrou para o mercado de trabalho, trabalhando em várias áreas, como o comércio, educação, na pastoral da criança, e que atualmente trabalha como autônoma, (Cruz, 2023).

Outra mulher que não quis ser identificada, onde usaremos o pseudônimo de Maria (2023), nos conta que têm um ganho financeiro maior que o marido, pois trabalha em dois empregos. Essa constatação tem provocado desconforto no seu companheiro, pois já ouviu dele

coisas do tipo “a casa é tua, o carro é teu”, revelando que quando as mulheres ganham financeiramente mais que os homens isso gera conflito de poder e autoridade dentro do relacionamento.

Para as mulheres isto se torna um tipo de constrangimento, pois ela relata que já houve momentos em que teve que colocar dinheiro na carteira dele, para não o ver chateado, “eu fazia isto, hoje ele já está mais tranquilo, antes eu o sentia incomodado, por ser eu a pagar a conta. Outras vezes entregava o cartão para ele pagar a conta.” (Maria, 2023).

Maria (2023) desabafou suas angústias dizendo que além de ser mulher presente no mercado de trabalho, ela também é presença no cuidado da casa, dos outros, dos pais que estão envelhecendo, dos filhos, do marido. Mesmo assim, ainda demonstra preocupação sobre como está sendo vista e julgada pela sociedade. Para ela o homem não sofre essa pressão social, não acumula essa tensão, pois o ciclo vicioso do social e da família recaem apenas sobre ela, tornando-a uma pessoa tensa com os papéis sociais que é exigida a cumprir. Hoje, ela se definiu como uma mulher de cabeça nas nuvens e os pés fincados no chão. Conta que já se deparou com oportunidades de sair da cidade, mas escolheu ficar decidindo escrever sua história de forma diferente, pois se enaltece ao contar que é uma mulher que não economiza dinheiro, em detrimento do conforto. Gasta com o que deseja, para satisfazer suas vontades, (Maria, 2023).

A experiência de Maria (2023) configura a história da negação e do apagamento da participação política e econômica das mulheres em sociedade, o que torna premente reconhecer que, embora a história do passado registre que a manutenção econômica das famílias estava alicerçada no trabalho do homem, que saía de casa para prover o sustento da família, enquanto a mulher que fazia os trabalhos do lar não tinha reconhecimento por esse papel social, portanto sua contribuição para a manutenção da vida não era considerada, especialmente por não ser monetizada.

Os avanços históricos têm demonstrado que essa situação de subalternização da mulher, especialmente quando ela é mantida por atos autoritários e violentos dos homens, as impulsionam a buscar outra direção para suas vidas. Para nossa interlocutora uma vez que a mulher entendeu que também sabiam caçar, além disso, fazer o alimento, elas deixaram de ser alienadas, passando a viver de forma diferente. (Maria, 2023).

Teuly Layse Queiroz, 31 anos, casada, mãe de dois filhos, nos falou que o cotidiano da mulher foi alterado quando ela entrou para o mercado trabalhando. Para ela é uma conquista, foi gratificante, pois antes de trabalhar fora de casa enxergava-se como uma mulher inútil para a sociedade, para a família, aquela encarregada do cuidado do lar. Ao adquirir trabalho

remunerado, ela diz “para mim trabalhando em outro lugar sinto que estou sendo útil para as outras pessoas [...] é bom demais trabalhar principalmente com o que a gente gosta [...] outras mulheres dividem as despesas com o marido, eu não tenho esse pensamento”. Para ela trabalhar significa poder usar seu próprio dinheiro como quiser, (Queiroz, 2023).

Para Queiroz (2023) o trabalho lhe deu ânimo, pois voltou a estudar, parou de ouvir coisas do tipo “a Teuly só cuida da casa e dos filhos, ela nunca fez nada”. Ela diz que cuidar da casa e dos filhos são tarefas árduas, não acabam, mas quando passou a trabalhar fora foi vista de outra maneira pela sociedade, diz que, “[...] quando somos apenas donas de casa, passamos a ser invisíveis tanto pela família, quanto pela sociedade” (Queiroz, 2023).

Antônia Figueiredo da Silva, mãe de duas meninas, casada, professora, 50 anos, sustenta que o “trabalho honesto em qualquer área e lugar é válido”, trabalha como professora no município, diz, “um trabalho que amo, tinha como um sonho que se tornou realidade, ser professora, eu consegui, tinha vontade de estudar pedagogia, mas as condições eram difíceis, quando surgiu oportunidade não deixei passar.” (Silva, 2023).

Para Silva (2023) as mulheres conquistaram vários espaços ao longo da história, pelo fato de que a vida da mulher nunca foi fácil, diz que são libertadoras as mudanças que vem ocorrendo para as mulheres. Acredita que a mulher gradualmente vem se afirmando, se estabelecendo, vencendo batalhas e recolhendo conquistas diárias, ocupando espaços não pretendidos, por isso, diz: “devido ao conhecimento e as experiências enquanto trabalhadora me tornei uma mulher forte, me levou onde estou hoje, em um trabalho que sempre quis estar.” (Silva, 2023).

Perrot (2007) ao contar a História das mulheres busca trazê-las para o centro, rompendo as invisibilidades das paredes da casa, ela diz “o silêncio das mulheres faz parte da ordem das coisas”. A exemplo de Perrot (2007), para nós o desafio, também, é romper o silêncio. “[...] o silêncio mais profundo é o do relato. O relato da história construída pelos primeiros historiadores [...]” (Perrot, 2007, p. 17). Assim, o que as mulheres falam é que deve reverberar como verdade a ser reproduzida.

Para Amaral (2012) no mundo globalizado, os avanços tecnológicos provocaram mudanças no mercado de trabalho, abrindo diferentes frentes de trabalho, demandando mão de obra, o que resultou no aumento da participação feminina em diversos setores do mercado de trabalho.

Um dos destaques que fazemos nas falas das nossas interlocutoras é que mesmo vivendo em realidades sociais opressoras, que não valorizam os papéis sociais das mulheres, a tomada

de consciência para buscar uma vida mais digna, vem através da educação que as mães da contemporaneidade tem dado as filhas, incentivando-as a buscar uma educação que prepara as mulheres não somente para serem boas esposas, mas para fazerem de suas vidas aquilo que de fato desejam, como trabalhar em iguais condições de salários dos homens para adquirir autonomia financeira.

Observamos também que mesmo aquelas mulheres que são provedoras do lar, por ganharem mais que seus companheiros, acabam não conseguindo libertar-se das amarras emocionais e das pressões familiares e religiosas, que ainda exigem que a mulher seja submissa ao homem, sendo a sua existência, respeito e confiabilidade questionada, caso não tenha a chancela do homem.

Para Bruschini (1994), ao longo da história as mulheres foram provocadas a fazer escolhas, uma delas foi se lançar no mercado de trabalho, mesmo com todas as ameaças dos julgamentos sociais, enfrentaram preconceitos, e tem conquistado confiança, respeito e valorização do seu trabalho.

Para Conceição cruz (2023) a luta das mulheres para se desvencilhar das amarras, as quais tentam aprisioná-las, vem ocorrendo no dia a dia, pois as mulheres se lançam em variadas direções. A educação, por exemplo, é citada por ela como forma de potencializar as mulheres para o trabalho, quando demonstra suas múltiplas e extraordinárias capacidades de fazer.

O trabalho não remunerado desenvolvido pelas mulheres, como os cuidados com o lar, ainda persistem como papel social a ser desempenhado por elas. Para a maioria os trabalhos domésticos estão tão naturalizados que chegam a ser encarados como parte de seu cotidiano, portanto em seus relatos não aparecem como empecilhos aos seus protagonismos. Aos poucos naturalizam a dupla, tripla jornada de trabalho que realizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que a mulher não está mais restrita ao lar, ela ocupa todos os espaços, conquistou seu lugar não a frente do homem, nem atrás, mas está lado a lado, não mais como sombra, escondida, sem nome, sem sobrenome, sem história. São fragmentos da história que este trabalho defende como importante para o reconhecimento da autonomia dessas mulheres.

Para nossas interlocutoras o trabalho não só lhe deu a oportunidade de participar da vida pública, mas imprimiu independência, autoconfiança, autonomia. As falas dessas mulheres rompem o silêncio não somente delas, mas de milhares de outras que vivenciam situações de opressão.

Ao longo dos séculos, a vida das mulheres vem passando por inversão de papéis, que modulam contextos sociais. A inserção delas no mercado de trabalho, fez com que acumulassem carga horária a mais, pois também administram a engenharia do lar.

É relevante ressaltar que defendemos o protagonismo e autonomia pela sua totalidade, pontuamos que o aumento de salários se soma ao protagonismo e autonomia.

Nesse estudo procuramos não reproduzir velhos discursos, de que o homem ganha mais e a mulher menos. Nossa intenção foi apresentar estas mulheres como condutoras da sua própria História. A fim de que experiências exitosas tenham reconhecimento social e inspire outras mulheres.

Diante dos depoimentos constatamos que elas impactam economicamente e socialmente como provedoras da renda familiar. Há aquelas que gerenciam seus negócios na região: farmácia, salão de beleza, artesã, lojas, e aquelas que ocupam cargos no comércio em geral: supermercado, padarias, dentre outros estabelecimentos. É significativo o número de profissionais como professoras, fisioterapeuta, educadora física, funcionárias de bancos.

Na região da Trizidela, campo desse trabalho, destacamos fortemente a presença de mulheres que com uniformes ou não, de carro, de moto, a pé, povoam o tráfego urbano. Mesmo que enfrentem discriminações, preconceitos, buscam alcançar seus objetivos, seguras de suas escolhas, definem o curso de sua história.

Sem deixar de mencionar que como autoras, tecemos cuidadosamente cada linha deste escrito, isto, também é vivenciar protagonismo e autonomia.

REFERENCIAS

AMARAL, Grazielle Alves. **Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho.** Itinerarius Refectionis, Revista Eletrônica do curso de Pedagogia do Campus, Jataí – UFG. Vol.2, nº 13, 2012

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher e mundo do trabalho: ponto de vista sociológico.** Mulher e relações de gênero. São Paulo: Edições, 1994.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da Mulher Brasileira nas décadas recentes. São Paulo: Edições, 1994.

BORUDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTELLO BRANCO (1875)

FOLTER, Regiane, 2021 < <https://www.politize.com.br/patriarcado/>> Acesso maio, 2024

GUSTAVO, VENTURI, MARISOL

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú.** Codó: FACT/UEMA, 1999.

MELO, Salânia Maria Barbosa; SOUZA, Joana Batista de; SALAZAR, Denise Cristina da S. C. (organizadores); **Entre Tempos e histórias do Maranhão.** Caxias -MA: EDUFPI, 2019.

MCA BRUSCHINI, F ROSEMBERG. **A mulher e o trabalho.** - Trabalhadoras do Brasil, 1982.

PINSKY, Carla Bassanezi: **MULHERES dos Anos Dourados**, 2014, Ed. Contexto.

PERROT, Michelle. (2007). **Minha história das mulheres** (1ª ed., pp. 190). (A. M. S. Corrêa, Trad.). São Paulo: Contexto. (Obra original publicada em 2006).

RAGO, Margareth; SAFFIOTI, Heleieth; COSTA, Ana Maria; SILVESTRE, Rosa Maria; CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara; RIBEIRO, Matilde; SORJ, Bila; SILIPRANDI, Emma; PORTO, Marta; GODINHO, Tatau; SOARES, Vera; CAVALCANTE, alcilene. **A MULHER BRASILEIRA NOS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO**, (1ª reimpressão 2009), S. Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo. ORGANIZADORES: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely.

SANTOS, Durval Cunha; **Fronteira da hileia: romance** - São Luís, 1984.

SILVA, Carlos Gomes, MACHADO, João Batista – **Codoenses & Não Codoenses** (Sínteses Biográficas), 2005.

SINA, Amalia. **Mulher e trabalho: Desafios de conciliar diferentes papéis na sociedade** 2005. Editora Saraiva

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SITE CONSULTADOS

BRASIL: A lei nº 9.799/99 “insere na consolidação das Leis do Trabalho regras sobre o acesso da mulher) lei nº 10.208/01 acresce dispositivos à Lei no 5.859, a lei nº 10.244/01 revoga o art. 376 da consolidação das Leis do Trabalho – CLT para permitir a realização de horas-extras por mulheres.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil – (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19799.htm. Acesso em 16/10/2023) Lei nº 9.799 de 26 de maio de 1999. Publicado em 27/05/1999.

BRASIL. Presidência da República - **Lei 0.726, de 04 - 07-1983 – Revoga a Lei nº 574/79 de 31-05-1979 – sobre a divisão da cidade, delimitando seus bairros. Leis Municipais -** Disponível em <<http://www.codo.ma.gov.br.pdf>.> Acesso em 16/06/2022.

BRASIL. Presidência da República: **Lei 14.611 de 03 de julho de 2023, publicada em 04 de julho de 2023. Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens.**

Disponível em < <http://dspace.mj.gov.br/handle/1/10570> — Diário Oficial da União, Seção 1, p.1-2> Acesso em 25/07/2023>

IBGE. **Estimativas da população, 2022.** Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html>> Acesso em 17/06/2022.

FONTES ORAIS

SIQUEIRA, Francisca Maria Cruz. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2022.

MACHADO, José. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2022.

ARAÚJO, José Leonardo Pereira de. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2022.

FREIRE, Gardênia da Silva. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2022.

ARAÚJO, José Leonardo Pereira de. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2022.

SOUSA, Jacineide Aprígio. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.

SILVA, Rejane Cantanhede. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.

- FONTES, Cleytiane Furtado. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.
- SOUSA, Ana Grizelda Oliveira da Silva. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023
- QUEIROZ, Teuly Layse. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.
- SILVA, Antônia Figueiredo. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.
- SOUSA, Pedro. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.
- ALVES, Manoel Rodrigues. **Entrevista concedida à pesquisadora.** Codó, MA, 2023.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

LIVROS DE REGISTRO DE NASCIMENTO E CASAMENTO, no cartório do 2º Ofício Extrajudicial, Codó, MA. Jun. 2022, autorizada por Rosana Maria Penha Saads, Tabeliã/Oficial Designada do 2º Ofício Extrajudicial, Codó, MA.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CURSO. Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Ciências de Codó, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

JORNAL FOLHA DOS COCAIS, 03/11/2000, P.03

GAZETA DO CODÓ, 1893, ANNO II.

JORNAL CORREIO DO CODO, 1917, ANNO V

APÊNDICES

Apêndice 01. Perfil das entrevistadas e imagens

NOME	Idade/identidade de cor		Foto	Trabalho	Epígrafe
<p>Antônia Gardênia da Silva Freire</p>	<p>41</p>	<p>Branca</p>		<p>Microempreendedora</p>	<p>“Com coragem, confiança, persistência, perseverança, não desisti e enfrentei as dificuldades”</p>
<p>Jacineide Aprígio de Sousa</p>	<p>34</p>	<p>Branca</p>		<p>Professora</p>	<p>“Graças a minha mãe que pude me formar, sinto que também realizei o sonho dela”</p>

<p>Cleytiane Furtado Fontes</p>	<p>38</p>	<p>Pard a</p>		<p>Artesã</p>	<p>“Eu tenho a liberdade de fazer do meu tempo o que eu quero, eu decido”</p>
<p>Rejane Cantanhede da Silva</p>	<p>42</p>	<p>Negr a</p>		<p>Comércio</p>	<p>“Faz tudo, é multe, um ser especial”.</p>
<p>Ana Glizelda Oliveira da Silva Sousa</p>	<p>34</p>	<p>Negr a</p>		<p>Indústria</p>	<p>“Ela não serve para aquela vaga, serve é para o homem, porque é brutal”</p>



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

Centro de Ciência de CODÓ - MA

Eu Antônia Gardênia da Silva Freire

Autorizo o uso das informações e das imagens coletadas para fins de pesquisa científica. A mesma está vinculada ao curso de Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Centro de Ciências de Codó - MA. O trabalho intitulado **Mulher e Trabalho: Protagonismo e Autonomia das trabalhadoras da Região da Trizidela em Codó - MA**, da aluna *Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo*, sobre orientação da **Profa. Dra. Jascira da Silva Lima**.

Codó-MA, 09/11/2022

Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo

Pesquisadora responsável

Antônia Gardênia da Silva Freire

Informante da pesquisa



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO

Centro de Ciência de CODÓ - MA

Eu Jacineide Cyrúgio de Sousa

Autorizo o uso das informações e das imagens coletadas para fins de pesquisa científica. A mesma está vinculada ao curso de Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Centro de Ciências de Codó - MA. O trabalho intitulado **Mulher e Trabalho: Protagonismo e Autonomia das trabalhadoras da Região da Trizidela em Codó - MA**, da aluna *Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo*, sobre orientação da **Profa. Dra. Jascira da Silva Lima**.

Codó-MA, 19 / 10 / 2023

Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo

Pesquisadora responsável

Jacineide Cyrúgio de Sousa

Informante da pesquisa



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO

Centro de Ciência de CODÓ - MA

Eu

Ceytiane Furtado Fontes

Autorizo o uso das informações e das imagens coletadas para fins de pesquisa científica. A mesma está vinculada ao curso de Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Centro de Ciências de Codó - MA. O trabalho intitulado **Mulher e Trabalho: Protagonismo e Autonomia das trabalhadoras da Região da Trizidela em Codó - MA**, da aluna *Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo*, sobre orientação da **Profa. Dra. Jascira da Silva Lima**.

Codó-MA, 24 / 10 / 2023

Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo

Pesquisadora responsável

Ceytiane Furtado Fontes

Informante da pesquisa



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO

Centro de Ciência de CODÓ - MA

Eu Uma Grizelda Oliveira da Silva Sousa

Autorizo o uso das informações e das imagens coletadas para fins de pesquisa científica. A mesma está vinculada ao curso de Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Centro de Ciências de Codó - MA. O trabalho intitulado **Mulher e Trabalho: Protagonismo e Autonomia das trabalhadoras da Região da Trizidela em Codó - MA**, da aluna *Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo*, sobre orientação da **Profa. Dra. Jascira da Silva Lima**.

Codó-MA, 26 / 10 / 2023

Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo

Pesquisadora responsável

Uma Grizelda Oliveira da Silva Sousa

Informante da pesquisa



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO

Centro de Ciência de CODÓ - MA

Eu Regene Cantanhede da Silva

Autorizo o uso das informações e das imagens coletadas para fins de pesquisa científica. A mesma está vinculada ao curso de Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA – Centro de Ciências de Codó - MA. O trabalho intitulado **Mulher e Trabalho: Protagonismo e Autonomia das trabalhadoras da Região da Trizidela em Codó - MA**, da aluna *Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo*, sobre orientação da **Profa. Dra. Jascira da Silva Lima**.

Codó-MA, 21 / 10 / 2023

Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento de Araújo

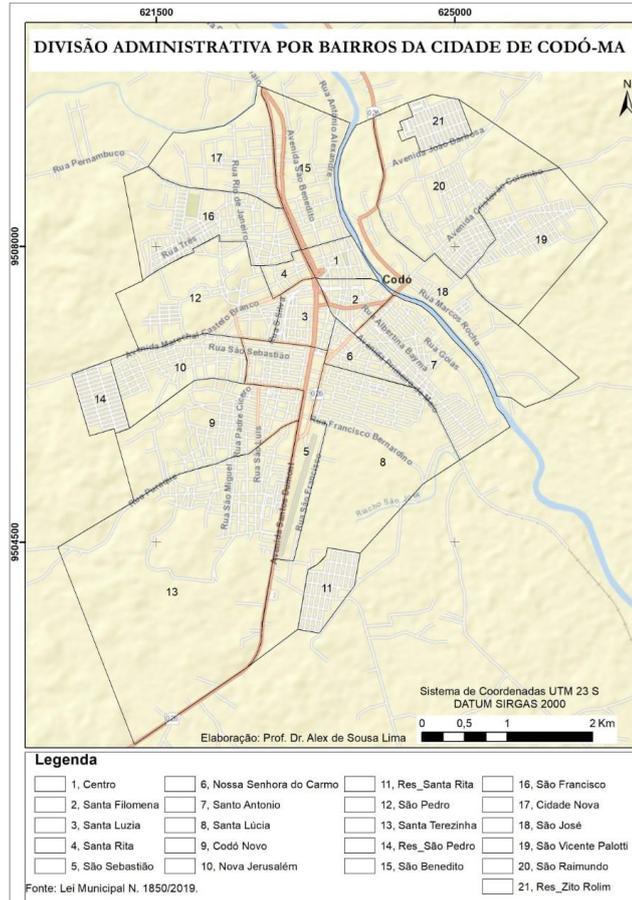
Pesquisadora responsável

Regene Cantanhede da Silva

Informante da pesquisa

ANEXOS

Figura 01: Mapa da Divisão Administrativa por bairros da Cidade de Codó – MA.



Fonte: Prof. Dr. Alex de Sousa Lima *apud* Lei Municipal N° 18502019